

JOGOS, BRINQUEDOS, BRINCADEIRAS E A RESILIÊNCIA

Rosley Sulek Buche Barros*

RESUMO

O jogo faz parte da trajetória humana desde tempos imemoriais. Também como a escrita, a linguagem, e outras tantas invenções são produto da criatividade dos seres humanos. Sempre foram e continuarão sendo aproveitadas para buscar perguntas e descobrir respostas sobre a própria existência humana e sobre suas incomensuráveis probabilidades de desafio no viver. Neste, existe mais que o bucólico brincar. Ele vai além da diversão, do entretenimento, da interação humana: suplanta esse campo de sentido e vivência humana para além dessa condição. Sobretudo porque, na prática de jogos, existe emoção, subjetividade, além da razão, vindo a servir como excelente ferramenta na promoção da resiliência, tanto na dimensão discente quanto do docente.

Palavra-chave: lúdico – flexibilidade – resiliência - adversidade

RESUMEN

El juego hace forte de la trayectoria humana desde tiempos inmemorables. También como la escritura el lenguaje, y otras tantos inventos son productos de la creatividad de los seres humanos, siempre fue y continuará siendo aprovechado para buscar preguntas y descubrir respuestas sobre la propia existencia humana y sus inconmensurables probabilidades de desafíos en la vida. En él existe mucho más que el hecho de jugar. Va más lejos que el hecho de una dimensión, del entretenimiento, de la interacción humana, suplanta ese campo de sentido y vivencia humana para den de esta condición, pues en la práctica de juegos existe emoción, subjetividad, den de la razón venir o servir como una excelente herramienta en la promoción de la resiliencia tanto en la dimensión alumnos y maestros.

Palavras-llave: jogos – flexibilidade – resiliencia – adversidad

Você pode aprender mais sobre uma pessoa em uma hora de brincadeira do que uma vida inteira de conversação. (Platão)

Nossos ancestrais já tinham ciência da importância do brincar no desenvolvimento integral do ser humano. Aristóteles, quando classificou os vários aspectos do homem, dividiu-os em homo sapiens (o que conhece e aprende), homo faber (o que faz, produz) e o homo ludens (o que brinca, o que cria). Em determinado momento, um dos aspectos sobrepujou o outro, por ser mais importante ou mais significativo. Na sua colossal sabedoria, os povos antigos conheciam que mente, corpo e alma são indissolúveis, ainda que tenham suas peculiaridades.

Ao observarmos criteriosamente, tudo o que fazemos e sentimos tem algum sentido e lugar no lúdico, bem assim no brincar e no jogo.

Huizinga vai mais adiante, dizendo que:

(...) seria mais ou menos óbvio, mas também um pouco fácil, considerar “jogo” toda e qualquer atividade humana (...) Não vejo, todavia, razão alguma para abandonar a noção de jogo como um fator distinto e fundamental, presente em tudo o que acontece no mundo. Já há muitos anos que vem crescendo em mim a convicção de que é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve (...) ¹

Huizinga, em seu livro "O jogo como elemento da cultura", procura determinar até que ponto a própria cultura tem caráter lúdico. Desse modo, adota o jogo como fenômeno cultural, e não biológico, analisando-o em uma perspectiva histórica. Ele próprio diz que, se almejasse sintetizar seus argumentos sob a forma de tese, uma dessas seria que as ciências têm, ainda hoje, prestado insuficiente atenção ao conceito de jogo e à importância basilar do fator lúdico para a civilização. O jogo é, de fato, mais ancestral que a cultura.

Conseqüentemente, se o jogo, o brincar e a brincadeira são anteriores à cultura, torna-se evidente que é, a partir daí, que tudo se dá início, quando refletimos no complexo campo das relações interpessoais com o mundo e a natureza. O jogo e o brincar extrapolam os limites da atividade física ou biológica. Ele é um *significante - tem uma função social*.

Para Huizinga, é fidedigno ponderarmos o jogo como uma totalidade, no contemporâneo significado da palavra. E é como totalidade que necessitamos procurar avaliá-lo e compreendê-lo. Podemos negar se desejamos quase todas as abstrações: a justiça, a beleza, a verdade, o bem, a seriedade; mas não podemos negar o jogo. Entretanto, reconhecer o jogo é reconhecer forçosamente o espírito, pois o jogo, seja qual for sua essência, não é material. A própria existência do jogo é uma confirmação permanente da natureza supralógica da condição humana.

Os animais brincam, garantia de que estamos falando de alguma coisa, mais do que a simples ação mecânica. Se brincamos ou jogamos, e temos consciência disso, é porque somos mais do que simples seres racionais, pois o jogo é irracional.

Huizinga afirma ainda que:

(...) Encontramos o jogo na cultura, como elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos (...) (Huizinga, 1996, 6).

¹ HUZINGA, J., Homo Ludens - Editora Perspectiva, 1996, SP.

Ajuíza-se que não há nas crianças e adolescentes, a indigência natural do jogo, mas somente de trabalho, quer dizer, a necessidade orgânica de usar o potencial de uma vida numa atividade ao mesmo tempo individual e social. Os *trabalhos-jogos* que se empreendem com a água, fogo, areia, pesca, entre outros, denotam movimento, ação, sobretudo para a vida, para a atividade. E, ao mesmo tempo, aprendizagem e cultura.

Os jogos são a anteposições do trabalho, e por isso mesmo, desafiam o tempo e sobrevivem para além dos séculos, em todas as partes do mundo. Possuem elementos essenciais do trabalho e, em conseqüência, são os alicerces de um sistema intelectual e social. Eles querem trabalhar, assim como desejam se alimentar. Nenhum indivíduo pode ignorar que gosta de serrar, cortar, pregar, aplinar, atividades estas que são intuitivas e prontamente se transmitem em todos os países, além das fronteiras e gerações. São as satisfações naturais de nossas necessidades habituais mais importantes: inteligência, união profunda com a natureza, adaptação às possibilidades físicas e mentais, sentimentos de poder, de criação, de afeto, de domínio, de eficácia técnica, utilidade familiar e social. Nos seus trabalhos-jogos, trabalham os papéis sociais: os casamentos, as famílias, os nascimentos, os cuidados e a educação dos filhos, a escola, as doenças das bonecas, os funerais. É basilar observarmos que, na maior parte dos jogos, está clara a noção de prisioneiros e de libertação, que imerge seguramente as suas raízes nos ancestrais, centrados que estão nas tentativas de libertação dos vencidos. Dizer o evidente, mas às vezes é conciso repetir o óbvio:

É evidente que estas dificuldades e limites impostos pelo jogo, pela brincadeira, certamente contribuirão para melhor resiliência das nossas crianças e melhor desenvolvimento de suas habilidades básicas para inserção no mundo. (Consoni)²

No entanto a imitação é tão bem praticada e, às vezes, tão incondicional, que nós próprios não distinguimos mais a imagem da nossa própria atividade e, então, chamamos a este assombroso sucesso de brincadeiras.

Dessa forma, não é inútil articular que, mesmo que isso tenha feito e em muitos ainda faça parte da vida, este jogo da libertação dos vencidos, profundamente centrados em nossos ancestrais, ininterruptamente foi e ainda é, mais do que nunca, atual, pois continua mais influenciado do que outros, em nossa busca pela evolução das condições excludentes da nossa atualidade.

² Acessível em: [www.terravista.pt/BaiaGatas/2932/Confbogota.html](http://www.terraviva.pt/BaiaGatas/2932/Confbogota.html), em 26 de dez. de 2003.

A necessidade do prazer, da alegria e, particularmente, a busca do jogo são tendências naturais, e quem sabe em meio às mais agudas, pois as crianças brincam por toda a parte e de contínuo, como uma dádiva tão incondicional de si mesmas.

A satisfação dessas necessidades proporciona, por si mesma, o mais saudável dos prazeres, sentimento de plenitude, tal como a satisfação das nossas necessidades funcionais.

Segundo Adelaide Consoni³, conservar a vida implica, por um lado a necessidade de:

Alimentar-se. Daí os gestos nas brincadeiras de trepador, colhedor, caçador, pescador, corridas, saltos, luta, cordas, etc;
Defender-se: instinto de abrigo, naquilo que ela tem de mágico, grutas, esconderijos, etc;
Tornar a vida tão poderosa: leva à integração no grupo social que se aglomera, se solidifica para lutar, defender-se, atacar, etc... Enfim, preservar a vida e dar a ela continuidade tem a ver com os papéis da maternidade, paternidade e evolução da família.

É nessa organização que a criança, repelida pelo adulto, é obrigada a amparar seu próprio mundo, que, com certeza, lhe responderá melhor que o mundo dos adultos às suas possibilidades e às suas necessidades.

As crianças, os animais, todos nós somos levados ao lúdico, ao jogo, ao brincar pela força do instinto e pela necessidade de desenvolvermos nossas capacidades físicas e seletivas.

O período capitalista, com seu enfoque na produtividade e no lucro a qualquer preço, passou a valorizar os atributos intelectuais e físicos em detrimento dos valores espirituais, tais como sensibilidade, criatividade, senso estético, solidariedade, altruísmo, idealismo e humor.

Nas últimas décadas, porém, a visão materialista do ser humano e de sua incumbência no mundo, independentemente de qualquer conceito religioso, passou a ser amplamente discutida, dado que não produziu o resultado ambicionado: a Felicidade.

Mesmo que, para determinados privilegiados, ela pareça existir, as chamadas *ilhas de prosperidade* encontram-se cada vez mais ameaçadas pelas ondas de pessoas infelizes, violentas, que perderam a alegria e a confiança no valor da vida.

O que se é possível observar, então, são crianças e adolescentes armados com todo tipo de artefatos, matando-se entre si, ou ameaçando outras crianças e adolescentes mais afortunados do que elas.

Considera-se que brincar é a ação do “homo ludens”, aquele de que se falava no início, parte do ser humano integral. Além do desenvolvimento físico e intelectual, o brincar

³ Ibidem Consoni, 26 de dez. de 2003.

beneficia o desenvolvimento dos vínculos afetivos e sociais positivos, condição singular para que se possa viver em grupo, Trata-se do fundamental, se não do único, instrumento de educação para a vida. O grande trunfo das atividades lúdicas é o episódio de elas se encontrarem centradas na emoção e no prazer, mesmo quando o jogo pode ocasionar alguma angústia ou sofrimento. Nesses eventos, quando a criança exprime emoções consideradas negativas, o jogo funciona como limpeza da alma, dando lugar a que outras emoções mais positivas se instalem.

Todo jogo se fundamenta em manipulação de certas imagens, certa imaginação da realidade ou, ainda, a transformação da realidade em imagens, pode-se ver e captar o valor e o significado dessas imagens e dessa manipulação.

No espírito fantasista que joga e brinca, no extremo limite entre brincadeira e seriedade, o que observamos na verdade é o fenômeno do culto de brincar. As sociedades primitivas também celebram seus ritos sagrados, seus sacrifícios, consagrações e mistérios, destinados a assegurar a tranquilidade no mundo, dentro de um espírito de puro jogo. Sabe-se que é no mito e no culto que as grandes forças instintivas da vida civilizada têm sua origem: o direito e a ordem, o comércio e o lucro, a indústria e a arte, a sabedoria e a ciência. Todas elas têm suas raízes no solo primitivo do jogo. (Consoni, 2003).

Sentimentos como raiva, tristeza ou frustração fazem parte da nossa vida diária. Poder exprimi-los por meio de um jogo, uma brincadeira, não só nos aliviará do fardo, como nos ensinará a utilizar o humor de forma que se fortaleça nossa resiliência. O conceito resiliência tem ocorrido em um número considerável de estudos, incluído eu está em trabalhos encontrados na Europa e, em certa medida, na América do Norte. No Brasil, não tem sido alvo de muitas produções acadêmicas, embora seja patente seu potencial significativo para a área da Educação, da Psicologia da Educação e da Psicopedagogia.

Fato é que vivemos em um mundo de desafios e dificuldades que se apresentam diariamente para os seres humanos. A competição e a busca por espaços profissionais e pessoais se tornam mais exacerbadas, dado que as expectativas externas vão de encontro às possibilidades reais de realização do sujeito. Daí por que este necessita aplicar-se à autoformação, para se preservar psicologicamente.

Seu mundo, suas necessidades, prioridades, desejos, ações; de modo que não se deixe reprimir por contingências e conjunturas que não possam, em dado momento e em determinada circunstância, controlar e dar respostas exigidas. Esta formação, nessa conjuntura, exprimiria sua resiliência, ou seja, sua capacidade de responder, de forma mais consciente, aos desafios e às dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de

recuperação ante estes desafios e situações desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante, conservando o equilíbrio dinâmico, durante e após os embates.

Quanto à resiliência, a professora Vera Maria, assim conceitua o termo:

Característica de personalidade, que, ativada e desenvolvida, possibilita ao sujeito superar-se às pressões de seu mundo, desenvolvendo um autoconceito realista, autoconfiança, e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente. (SOUZA, p.8. In: TAVARES).

O termo resiliência é bastante utilizado por profissionais das áreas de Engenharia, Física e Odontologia, ao se reportarem à resiliência de materiais.

No que toca às Ciências Sociais e Humanas, vem o termo sendo utilizado há bem pouco, restrito que está a um grupo de profissionais de determinados círculos acadêmicos. Percebe-se que a maior parte dos profissionais das áreas da Psicologia, Sociologia, Educação e Psicopedagogia desconhecem seu emprego, tanto formal quanto informal, bem como sua aplicação.

As professoras Maria Ângela Mattar Yunes e Heloísa Szymanski elucidam a diferença cultural respeitante às prioridades do significado da palavra resiliência, no contexto das línguas portuguesa e inglesa.

O dicionário de língua portuguesa Novo Aurélio, de Ferreira (1999), diz que, na Física, resiliência é propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica. No sentido figurado, o mesmo dicionário aponta o termo como resistência ao choque. O dicionário de língua inglesa Longman Dictionary of Contemporary English (1995)⁴ oferece duas definições de resiliência: habilidade de voltar rapidamente para seu usual estado de saúde ou de espírito, depois de passar por doenças, dificuldades, etc.: resiliência de caráter.⁵ A segunda explicação para o termo encontrada no mesmo dicionário afirma que resiliência é a habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida: flexibilidade.⁶ (Yunes e Szymanski, p. 14. In: Tavares)

É claramente perceptível a divergência dos conceitos. Enquanto o dicionário português referencia unicamente a resiliência de materiais, o dicionário da língua inglesa prioriza o uso do termo em fenômenos humanos, uma vez que aponta, em primeiro plano, a definição correspondente a esse sentido.

⁴ Dicionário formulado por uma equipe multidisciplinar, com a proposta de auxiliar no inglês escrito e falado.

⁵ Original em inglês: "the ability to return quickly to your usual health or state of mind after suffering an illness, difficulties etc.: resilience of character".

⁶ Original em inglês: "the ability of substance to return to its former shape when pressure is removed: flexibility".

A capacidade humana de crescer e desenvolver-se, apesar de condições de vida assinaladas por diversas tragédias, não é somente um fenômeno individual. Existe resiliência grupal, institucional e comunitária. Pode-se, além disso, aplicar este conceito a determinados povos.

As tentativas iniciais de explicar e compreender a resiliência se ocupou em relacionar fatores de risco ou de proteção observáveis entre pessoas resilientes. Determinados fatores podem ser de risco ou de proteção para outros. Esta contradição apontou para a precisão de conhecer os mecanismos ou dinâmica da resiliência. Além disso, permite pensar na resiliência como algo construído, que pode ser promovido. De modo que se pode, a partir do que já se tem conhecimento sobre a resiliência, aplicar este conhecimento nas políticas públicas, sobretudo em educação, saúde e assistência sociais.

Na literatura, encontramos atitudes básicas nos resilientes, tais como: autoconfiança, auto-respeito, presença de vínculo significativo com pelo menos uma pessoa, experiência de algum *'suporte social'*, presença de um sentido para a vida e estabelecimento de metas a serem alcançadas. Nas narrativas de vida, baseada em relatos autobiográficos, observa-se a preponderância de uma visão equilibrada ou global sobre o agressor, ou a circunstância estressante ou adversa. Esta visão equilibrada faz com que o sujeito não se coloque como vítima. Tal condição de generosidade consente compreender a situação e impede uma resposta de mero espelhamento, seja no que diz respeito ao agir, seja na definição de si mesmo. O distanciamento que segue a visão equilibrada permite ao sujeito fazer escolhas com mais liberdade. Isso propicia evitar a transmissão transgeracional de risco.

Seligman (apud Luthar, 1991)⁷ desenvolveu o conceito de Paradigma da Esperança:

Quando as pessoas acreditam que são impotentes para controlar o que acontece com elas, tornam-se passivas e restritas em suas habilidades de enfrentamento. Por outro lado, quando os indivíduos acreditam que os eventos e resultados são controláveis, o aprendizado da desesperança é evitado, e, ao invés disso, tentativas ativas para vencer situações aversivas são realizadas.

Este paradigma tem conseqüências práticas, não somente no enfrentamento do presente. Pode tomar parte ativamente da construção de um *futuro anunciado* sem perspectivas, com ascendência de profecias contraproducente, extraindo do sujeito energia que acompanhará a luta pela felicidade.

⁷ Luthar, S. S. Vulnerability and resilience: a study of high risk adolescents. *Child Development*, 1991

Entende-se que a resiliência é instrumento, com potencial de instrumentalizar as pessoas para que tenham esperanças tanto para a vida, como para a edificação da cidadania. Assim sendo, pode servir a toda uma sociedade que tenha compromisso com estas vidas.

As atividades lúdicas, bem-apropriadas e desenvolvidas pelas crianças, permitem a construção de um sentido que acompanha uma perspectiva de vida para o futuro.

Segundo Consoni (2003), a construção desse desejo nos ajuda a promover nas crianças um significado de *pertencimento no mundo*, no futuro. É basilar levar as crianças e os jovens a imaginar seu futuro, especialmente por vivermos, neste momento, determinados paradigmas: *não-futuro, não-lugar, não-esperança, não-emprego, não-política social básica*. Daí, inexistente projeto para o futuro.

Por meio do brincar, do brinquedo e da brincadeira, tem-se a capacidade de instituir as conexões com o conhecimento e até de um entendimento do que é o conhecimento, de maneira que excita as competências básicas correlacionadas com as disciplinas escolares, e estas com a vida habitual no mundo.

Outra recomendação interessante quando pensamos no brincar como promotor de resiliência reside no fato de que as pequenas alegrias – que ocorrem em conversas grupais, cantorias, leituras em grupo, as histórias, os contos, as narrativas populares, a construção da própria ação de brincar, suas formas e contextos - são momentos de elaboração e construção do próprio conhecimento. Permitir que as crianças e jovens possam desenvolver suas capacidades de fazer de conta e de olhar as coisas, de criticá-las, de se distanciar das mesmas, organizar atividades onde se possa rir é criar possibilidades para que possam entender suas próprias dificuldades. (Consoni, 2003)

As experiências coletivas que o jogo, o brinquedo e a brincadeira possibilitam, estimularam a criação de vínculos que são de extrema acuidade na vida dos indivíduos, principalmente das crianças. O afeto que o vínculo libera é tão respeitável como a alimentação. O direito ao vínculo necessita ser propiciado e assegurado porque estará presente em todos os períodos da vida diária.

A resiliência tem uma grandeza ética que não pode ser negada. Ela só existe quando existe esperança no futuro e um sentido anunciando, uma meta, um horizonte ético que nos impulsiona para frente. Ela é entendida como a habilidade de enfrentamento e fortalecimento diante da diversidade. Sendo esta necessária para a criança tornar mínimas as conseqüências negativas da adversidade, elevando ao máximo sua capacidade para funcionar num mundo complexo e potencialmente antagônico.

Segundo Consoni, as crianças que, a partir da promoção da resiliência, se tornam resilientes apresentam:

Inteligência e capacidade de resolver problemas; autonomia ou locus interno de controle, boa auto-estima; empatia; desejo e capacidade de planejamento; e, senso de humor. E de modo geral é a escola, a família e a comunidade que contribuem para a promoção da resiliência na criança.

Rutter (1990)⁸ conclui que:

A resiliência não pode ser pensada como um atributo nascido com a criança ou adquirido durante o seu desenvolvimento. Para ele a resiliência só pode ser vista como um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que ocorrem em um tempo, dadas certas combinações benéficas de atributos da criança, família, ambiente social e cultural.

As probabilidades de afinidade que o brincar propicia, a *ilusão construtiva* do jogo, têm a capacidade de consentir a construção da possibilidade de uma projeção para o futuro, por meio do presente.

O jogo, o brinquedo, o brincar, são uma necessidade, uma arte e um direito que, junto com os requerimentos básicos de alimentação, saúde, moradia e educação, são vitais para o desenvolvimento do potencial de todas as crianças.

Huizinga, falando ainda sobre "O jogo e o direito", enfatiza:

(...) À primeira vista, o jogo poderia parecer o mais distante possível em relação ao direito, à justiça e à jurisprudência. Toda a esfera do direito é dominada pela mais total e implacável seriedade (...) Para ele, a maior parte das palavras que exprimem idéias relacionadas com a lei e o direito estão, sobretudo, ligadas às noções de estabelecer, indicar, ordenar, etc... (...) Contudo e conforme temos vindo constantemente a lembrar, o caráter sagrado e sério de uma ação, de maneira alguma impede que nela se encontrem qualidades lúdicas.

Toda pessoa que brinca bem, tem perceptibilidade de visão, sensibilidade, é entusiasta, adaptável, alegre e encantadora. É tudo, menos pessoa fragmentada. Aprender é seu principal prazer na vida.

Os especialistas da Psicologia da Educação estão percebendo o peso e a importância do lúdico para o desenvolvimento saudável, não só de crianças e adolescentes, mas, ao mesmo tempo, de adultos qualquer seja a idade.

Pesquisa recente realizada pela Fiocruz⁹, sobre o suicídio entre jovens, constatou que os maiores índices do Brasil estavam em cidades do Sul do país no Rio Grande do Sul e no

⁸ Apud Consoni, 2003.

Paraná, enquanto o menor se encontra na Bahia. Foram consultados vários especialistas para avaliar os resultados. Pode se antever que o humor baiano e sua maneira lúdica e alegre de encarar a vida, além das raízes culturais, são os grandes responsáveis para que seus jovens tenham mais apego à vida.

Apego à vida não expressa, exclusivamente, amar-se a si próprio, mas, ao mesmo tempo, respeitar os outros à sua volta, respeitar a natureza e tudo o que a ela pertence. Apego à vida constitui dizer um ´não` a tudo que é antívida: drogas, excessos de qualquer tipo, apatia, desamor.

Significativa a proposta de Marilena Flores Martins:

Cabe a nós todos, educadores, empresários, políticos e cidadãos comuns, repintar esse quadro, com as cores suaves da alegria, da atividade livre, da convivência fraterna, propiciando a todos, espaços e oportunidades para brincar.

Pablo Neruda, grande poeta chileno (Prêmio Nobel) nos disse:

He construido mi casa y la he llenado de juguetes, con ellos juego todos los días. Porque el niño que no juega no es niño, pero el adulto que no juega ha perdido para siempre el niño que tiene adentro y que le hará mucha falta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Rosley Sulek Buche.(2002) *A Influência dos Jogos para o Desenvolvimento Infantil: Uma Extraordinária Ferramenta a Favor da Pedagogia e da Intervenção Psicopedagógica*. Pesquisa Monográfica. Cuiabá: ICE – Instituto Cuiabano de Educação.

_____. (17 de dez. de 2003) *Aprendizagem; um ato de prazer partindo da ludicidade*. www.pedagobrasil.kit.net/rosley2.htm.

_____. (30 de ago. de 2003) *Como o seu filho preenche o seu tempo?* www.psicopedagogia.com.br/opiniaio/opiniaio.asp?entrID=96.

_____. (3 de jun. de 2003) *Solucionando problemas através do brincar*. www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=424.

BENJAMIM, Walter. (1984) *Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus.

BROUGÉRE, G. (1998) *Jogo e Educação*. Porto Alegre, Artes Médicas.

⁹ Projeto da pesquisa acessível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2002000300011&lng=pt&nrm=iso .

- CONSONI, Adelaide. (26 dez. de 2003) Aces. em:
[www.terravista.pt/BaiaGatas/2932/Confbogota.html](http://www.terraviva.pt/BaiaGatas/2932/Confbogota.html)
- FANTIN, Mônica. (2000) *No mundo da Brincadeira: Jogo, brincadeira e cultura na Educação Infantil*. Florianópolis, Cidade Futura.
- FLACH, Frederic. (1991) *A arte de ser flexível – Resiliência*. 1ª ed. São Paulo: Saraiva.
- HUIZINGA, J. (1996) *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva.
- KISHIMOTO, M. Tizuko. (1996) *O jogo e a educação infantil*. São Paulo: Cortez.
- _____. (1998) *O Brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira.
- _____. (2001) *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez.
- _____. (s/d) *O brincar e a cultura*. Anais do Seminário Literatura, Arte, Educação, Luso-Brasileiro. Mimeo.
- Luthar, S. S. (1991) Vulnerability and resilience: a study of high risk adolescents. *Child Development*.
- MOYLES, Janet R. (2002) *Só brincar? – O papel do brincar na educação infantil*. São Paulo: Artmed.
- TAVARES, José (org). (2001) *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez.
- YUNES, M. A. M. (2001) *A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.